

## Do desejo

Hilda Hilst

Enviado por:

Publicado em : 17/11/2007 19:20:00

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.  
Antes, o cotidiano era um pensar alturas  
Buscando Aquele Outro decantado  
Surdo à minha humana ladradura.  
Visgo e suor, pois nunca se faziam.  
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo  
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás  
Depois das lidas. Sonhei penhascos  
Quando havia o jardim aqui ao lado.  
Pensei subidas onde não havia rastros.  
Extasiada, fodo contigo  
Ao invés de ganir diante do Nada.

IV

Se eu disser que vi um pássaro  
Sobre o teu sexo, deverias crer?  
E se não for verdade, em nada mudará o Universo.  
Se eu disser que o desejo é Eternidade  
Porque o instante arde interminável  
Deverias crer? E se não for verdade  
Tantos o disseram que talvez possa ser.  
No desejo nos vêm sofomanias, adornos  
Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro  
Voando sobre o Tejo. Por que não posso  
Pontilhar de inocência e poesia  
Ossos, sangue, carne, o agora  
E tudo isso em nós que se fará disforme?

V

Existe a noite, e existe o breu.  
Noite é o velado coração de Deus  
Esse que por pudor não mais procuro.  
Breu é quando tu te afastas ou dizes  
Que viajas, e um sol de gelo  
Petrifica-me a cara e desobriga-me

De fidelidade e de conjura. O desejo  
Este da carne, a mim não me faz medo.  
Assim como me veio, também não me avassala.  
Sabes por quê? Lutei com Aquele.  
E dele também não fui lacaia.

Os versos acima foram publicados no livro "Do desejo", Editora Pontes - Campinas (SP), 1992, e foram extraídos do livro "Os cem melhores poemas brasileiros do século", editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2001, pág. 289, uma seleção de Ítalo Moriconi.

\*\*\*\*\*